

Entrevista

Manuel Costa

Director da Biblioteca Municipal Rocha Peixoto



PÓVOA DE VARZIM

Manuel Costa
dirige a Biblioteca
Municipal Rocha
Peixoto há cinco anos

**“UMA BIBLIOTECA
DEVE FORMAR LEITORES
DESDE TENRA IDADE”**

FERNANDO TIMÓTEO/GLOBALIMAGENS



refa não era fácil: numa altura em que o digital roubava cada vez mais leitores, exigia-se que substituisse uma das mais carismáticas figuras da cultura poveira. Volvidos cinco anos, Manuel Lopes continua ainda bem vivo em cada canto da biblioteca, mas Manuel Costa ganhou o reconhecimento da população local e a biblioteca tem, hoje, cada vez mais leitores.

Assumi a direcção da Biblioteca da Póvoa numa altura difícil: a substituição de Manuel Lopes, que era uma pessoa emblemática na cidade...

Manuel Lopes trabalhou na biblioteca, durante mais de 40 anos, portanto, acabou por se tornar o rosto da biblioteca e marcou várias épocas da história desta instituição, cuja origem remonta a 1880. Mas o facto de ter sido formado por ele e ter feito boa parte da minha carreira com ele, preparou-nos a todos para os desafios que pudessem vir. Hoje, os utilizadores têm que ser visto num sentido mais genérico: os utilizadores da nossa cidade e do mundo inteiro das estantes virtuais. Isto coloca-nos desafios novos muito grandes, que procuro cumprir, mas tendo sempre o Manuel Lopes presente.

A Biblioteca tem-se virado muito, nos últimos anos, para um público cada vez mais jovem.

Sempre foi. O facto de a biblioteca estar localizada numa zona de escolas, fez com que tivesse tido sempre muito público escolar. O que fizemos, desde 2006, foi criar uma dinâmica em que o lúdico e o pedagógico se articulassem. E, portanto, prestamos serviços às escolas - temos uma Hora do Conto todos os dias nas escolas do concelho - e temos actividades em todos os níveis de ensino, dentro e fora de portas, e isso faz com que a biblioteca tenha públicos de todas as idades. Uma biblioteca deve formar leitores e formar leitor é desde a mais tenra idade.

Com cada vez mais pólos?

Sim. A descentralização também foi uma necessidade que surgiu naturalmente. Teve muito a ver com a modernização das próprias jun-

“Fomos o primeiro município a ter bibliotecas de praia”

“A média actual é de 300 a 400 utilizadores por dia”

“Temos fundos patrimoniais muito valiosos e todos digitalizados”

tas de freguesia, que passaram a ter valências novas em matéria de pré-escolar e de idosos. Isso fez com que nos solicitassem mais serviços e que criassem a consciência de que, eles próprios, tinham que ter serviço de proximidade e, portanto, a parceria entre biblioteca pública e junta de freguesia fez com que surgissem pólos, que hoje existem em várias freguesias. Depois, o facto de sermos uma cidade balnear, fez com que, desde muito cedo, tivéssemos desenvolvido serviços durante o período balnear. Fomos o primeiro município a ter bibliotecas de praia.

E que, hoje, são um sucesso?

Sim, porque temos um nível de utilizadores que é proporcional à quantidade de veraneantes. É claro que o facto de nós termos um equipamento em cima da areia com o atractivo visual e o chamariz que o Diana Bar tem - até pelo carácter mítico do edifício -, fez com que pudéssemos oferecer muito. Temos 40 mil utilizadores,

entre Julho e o início de Setembro, nas bibliotecas de praia. Entretanto, juntamos a isso, temos uma outra oferta - a Biblioteca de Jardim, aproveitando a Casa do Manuel Lopes, a 200 metros da praia, em pleno centro urbano. Isso permitiu-nos criar um outro espaço e diversificar a oferta.

Para voltarem a abrir este ano?

Sim, o Diana Bar e a biblioteca da Praia da Lagoa, entre Julho e Setembro, e a Biblioteca de Jardim, na Casa do Manuel Lopes, em Agosto.

Quantos utilizadores tem, hoje, a Biblioteca?

Varia muito. Nos últimos anos, o perfil do utilizador foi-se alterando. Passamos de uma média diária, há 10 anos, de 600 utilizadores por dia, para uma média actual de 300 a 400 utilizadores presenciais, por dia, mas depois temos outro tanto de utilizadores virtuais. Isso obriga-nos a desdobrar o trabalho de atendimento, entre o presencial e o virtual, porque temos um público muito diversificado, nomeadamente de investigadores. Temos fundos patrimoniais muito valiosos e todos digitalizados, o que suscita muita procura.

E a Casa Manuel Lopes? Já está decidido o destino a dar aquele espaço?

É uma verdadeira casa museu. A casa tem características muito próprias e temos estado a estudar um modelo que preserve os cuidados que temos que ter com a casa, mas que também divulgue aquele pólo cultural.

Este ano, a Lancha Poveira, que, também ficou a seu cargo, faz 20 anos...

Nos dias 2 e 3 de Setembro iremos ter as comemorações: no dia 2, o 2.º Encontro da Rede Nacional de Cultura do Mar, coordenado pela Sociedade de Geografia de Lisboa, e, no dia 3, o 1.º Encontro de Embarcações Tradicionais da Póvoa de Varzim, que servirá, antes de mais, para homenagear Manuel Lopes, que foi o grande impulsionador da recriação da Lancha Poveira.

/ Ana Trocado Marques/cidades@jn.pt

Manuel Costa começou a trabalhar na Biblioteca Municipal Rocha Peixoto, na Póvoa de Varzim, ainda nos anos 80. Em Agosto de 2006, faleceu o então director Manuel Lopes e, como seu pupilo e braço direito, Manuel Costa assumiu, aos 41 anos, naturalmente, o cargo. A ta-